



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9459 - Resumo Expandido - Pôster - 40ª Reunião Nacional da ANPED (2021)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

A INVISIBILIDADE DAS MULHERES/ESTUDANTES DO PROEJA NA REVISTA EJA EM DEBATE

Eliandra Silva Model - PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Edla Eggert - PONTÍFICIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

A INVISIBILIDADE DAS MULHERES/ESTUDANTES DO PROEJA NA REVISTA EJA EM DEBATE

Este pôster introduz um estudo que buscará discutir a presença de temas no campo da educação tecnológica das mulheres estudantes de EJA em artigos publicados na revista EJA em Debate do Instituto Federal de Santa Catarina-IFSC. O propósito é trazer para discussão a invisibilidade de artigos sobre a educação de mulheres/estudantes no PROEJA nos Institutos Federais. Suspeitamos que a instituição tecnológica não tem aproveitado o espaço de divulgação do conhecimento para discutir a educação tecnológica voltada para com as mulheres/estudantes do PROEJA. Até o momento observamos que há o apagamento e/ou a invisibilidade delas nas edições e entendemos que isso é um reflexo de como a educação tecnológica é ainda um campo dos estudos que se destina a formação dos homens e do quanto a técnica e a tecnologia ainda não são temas apropriados e apreendidos pelas mulheres trabalhadoras e pesquisadoras da educação tecnológica.

Palavras-chaves: invisibilidade, educação de mulheres/estudantes no PROEJA, revista EJA em Debate.

A educação tecnológica das mulheres é um tema que não está explícito nos currículos escolares de nenhum nível ou modalidade muito menos no currículo da Educação de Jovens e Adultos. No entanto, ela faz-se necessária por sabermos que as mulheres são a maioria das estudantes das classes de EJA/PROEJA[1] de instituições que oferecem algum tipo de profissionalização.

A educação das mulheres ainda é reflexo da educação dos tempos coloniais, onde as mulheres eram ligadas às prendas domésticas, o que hoje conceituaríamos como mundo privado do lar. Observo que a educação ainda é produzida por homens, em sua maioria brancos e de classe social dominante. Foi com a escola normal, pública, no município da Corte, em 1880, que se tem a oportunidade de as mulheres terem uma educação secundária profissional. Assim, como de se ter a coeducação do sexo, mas uma escola com uma educação moral muito forte e conservadora. Heleieth Saffioti (2013, p. 288) relata que “Deste

ângulo, a escola normal foi altamente inovadora, porquanto o princípio da segregação sexual continuaria em vigor ainda por muito tempo nas escolas secundárias”. Para pensar a educação das mulheres de classes populares é indispensável relacionar aos estudos de gênero, classe e raça, pois as temáticas estão interligadas. Os estudos de gênero nos ajudam a compreender como a educação das mulheres contribui na mobilização das mulheres das posições mais subalternas em direção de uma possível compreensão de sua vida e sua cidadania.

Ivone Gebara (2020) nos ajuda a compreender dois conceitos estudados nessa pesquisa. O primeiro é que as mulheres estudantes do PROEJA, das classes populares, são mulheres anônimas, mulheres comuns, pobres, sem pertença a nenhuma organização política, social ou feminista, sendo denominadas por Gebara como, mulheres empobrecidas. O segundo é que o conceito de gênero é “um produto social aprendido, representado, institucionalizado e transmitido de geração em geração”. (p. 33)

Para as mulheres negras as dificuldades se sobressaem em relação às mulheres brancas principalmente nas questões de salário/trabalho assumindo funções rechaçadas pelas mulheres brancas. Dessa forma, Saffioti (1990, p.52) nos mostra que “na ‘ordem das bicadas’ nesse país, a mulher negra ocupa a última posição. Ela é duplamente discriminada: enquanto mulher e enquanto negra. De acordo com o modelo oficial, cabem-lhe, fundamentalmente, dois papéis: o de empregada doméstica e o de objeto sexual.

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) desenvolvida hoje nos Institutos Federais[2] tem como premissa o direito à educação e o direito ao trabalho, através da qualificação para o mercado de trabalho. A EPT está prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação como uma modalidade de ensino contribuindo para que o/a cidadão/ã possa se inserir e atuar no mundo do trabalho e na vida em sociedade e as mulheres têm direito de buscar essa educação tecnológica. Segundo Álvaro Vieira Pinto (2005) o trabalho e a tecnologia são conceitos que devem estar articulados na educação dos/as trabalhadores/as, nesse caso no PROEJA, para que as mulheres e os homens possam discutir suas experiências trazendo o trabalho como atividade essencial do ser humano.

Um dos objetivos desse texto é apresentar os primeiros achados sobre quantos artigos nas edições da revista EJA em Debate do IFSC estão relacionados à educação tecnológica voltados para as mulheres/alunas da Educação de Jovens e Adultos. A suspeita que há ausência de artigos na revista especializada em Educação de Jovens e Adultos de uma instituição tecnológica como os Institutos Federais é um recorte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação na PUCRS.

A revista EJA em Debate é uma revista científica de periodicidade semestral, tendo sua primeira publicação em 2012, visando divulgar o conhecimento e abrangendo a educação de jovens e adultos em toda a sua dimensão. A busca no site da revista é feita com palavras combinadas: educação tecnológica para mulheres e educação de mulheres. Para as palavras chaves educação de mulheres, foram localizados três artigos que tratam da temática. No entanto, usando as palavras chaves educação tecnológica para mulheres não foram encontrados nenhum artigo.

Dos artigos encontrados realizamos a análise utilizando a hermenêutica feminista, que instrumentaliza para a perspectiva metodológica em que perguntas como, “onde estão as mulheres?”; “como elas têm sido consideradas nesse contexto?”, são geradoras de um outro modo de interpretar os documentos manuseados. Naira Rosa (2018) expõe que as relações de gênero na EJA possibilitam reflexões que perturbam, fascinam e incitam curiosidades. A hermenêutica feminista está inserida nesse estudo que rompe paradigmas tradicionalmente formados. Poliana Camargo; Ludmila Voigt e Melissa Almeida, (2016) refletem que as relações de gênero precisam ser abordadas com intensidade e sistematização nos cursos de

formação inicial e continuada de docentes. E nós reiteramos que a indagação sobre a forma como as relações sociais construídas entre mulheres e homens, mulheres e mulheres, homens e homens tem, na perspectiva da hermenêutica feminista uma das chaves para produzir novos conhecimentos.

Os artigos encontrados são críticos e trazem as relações de gênero e o feminismo como temáticas a estarem presentes na EJA, visto que a formação das mulheres e o seu empoderamento são condições necessárias à sua cidadania. No entanto, o que pode ser percebido também é que na revista EJA em Debate do IFSC, não encontramos nenhum artigo que relacionasse o tema mulheres do PROEJA com a educação tecnológica. O que nos direciona para a chave hermenêutica das perguntas sobre como é que as mulheres estudantes de EJA estão sendo desafiadas para a educação para a tecnologia. Nosso olhar como pesquisadoras está em alerta, visto que uma instituição como o IFSC, que desenvolve a educação tecnológica no PROEJA, ao que parece, não está aproveitando o espaço da revista para divulgar, discutir e confrontar a educação tecnológica e a educação de mulheres. Nos perguntamos que educação está sendo desenvolvida nos Institutos Federais para/com as mulheres do PROEJA? A suspeita que introduzimos nesse contexto das revistas, é se a tecnologia é de fato reconhecida para elas? Ao identificarmos apenas três artigos num conjunto de 15 edições desde o ano de 2012, percebemos o grau de invisibilidades no campo dos estudos tecnológicos que deixam de ser impulsionadores na vida delas, integrando conhecimentos que as qualifiquem nos seus trabalhos e nas suas vidas tanto no espaço privado quanto público.

O apagamento e/ou a invisibilidade que encontramos é um reflexo de como a educação tecnológica é ainda um campo dos estudos nos IFs e na sociedade em geral, que se destina a formação dos homens e do quanto a técnica e a tecnologia seguem sendo um tabu a ser rompido e apropriado por mulheres trabalhadoras e também por mulheres pesquisadoras da educação tecnológica.

CAMARGO, Poliana da Silva Almeida Santos, VOIGT, Ludmilla Puppim, ALMEIDA, Melissa Freitas de. Percepções docentes sobre as relações de gênero, os processos de escolarização e a formação docente na EJA. **Revista EJA em debate IFSC**. Ano 5, n.8 2016.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

ROSA, Naira de Oliveira. Relações de gênero na EJA: intervenção colaborativas em contexto de formação. **Revista EJA em debate IFSC**. Ano 7, n.12, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na Sociedade de Classes**. 3 edição-São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. 7. Ed. São Paulo: Editora Moderna. 1987.

[1] Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos -PROEJA, instituído em 2005, tendo como objetivo a reinserção no sistema escolar jovens e adultos proporcionando uma educação profissional e cidadã.

[2] Segundo o <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=65251:educacao-profissional-etecnologica-ep>. Acessado em: 20/10/2020.